REVISTA FILOTEOLÓGICA
REVISTA DA FACULDADE CATÓLICA DE FEIRA DE SANTANA

Aufklärung e algoritmos: impactos do uso da inteligência artificial no ambiente acadêmico para o esclarecimento

Aufklärung and algorithms:impacts of using artificial intelligence in the academic environment for enlightenment

Melquiades da Cruz Lima

Graduando em Filosofia pela Faculdade Católica de Feira de Santana (FCFS)

melquiadeslimaa20@gmail.com

http://lattes.cnpq.br/5607369186989304

Resumo

O presente texto é resultado de um estudo realizado no curso de Bacharelado em Filosofia da Faculdade Católica de Feira de Santana, como proposta de produção de um TCC na modalidade de artigo científico. Neste sentido, o estudo procura responder à problematização de como o uso acrítico da Inteligência Artificial (IA) no ambiente acadêmico coloca em questão a capacidade de autonomia da razão do indivíduo e os impactos disso na possibilidade de o indivíduo chegar ao Esclarecimento na perspectiva kantiana. Neste viés, a investigação, de natureza exploratória e abordagem qualitativa, fundamenta-se em uma revisão bibliográfica que analisou definições e reflexões de diversos autores sobre o tema. O objetivo geral consiste em investigar de que modo o uso intensivo da Inteligência Artificial pode influenciar o processo de emancipação do indivíduo, suscitando debates éticos sobre a autonomia do pensamento e a dependência das tecnologias digitais, buscando relacionar o Esclarecimento à noção do que chamamos de tutela ou dependência digital. Concluindo-se que, faz-se necessário consolidar uma cultura ética no uso dessas tecnologias, de modo a preservar o exercício da razão autônoma e crítica, evitando que o progresso técnico da IA se converta em um novo obstáculo ao Esclarecimento. Assim, os resultados deste estudo contribuem para o debate interdisciplinar sobre o papel da Inteligência Artificial nos processos de formação do conhecimento e da liberdade de cada indivíduo.

Palavras-chave: Esclarecimento. Inteligência Artificial. Ética. Ambiente Acadêmico. Contemporaneidade.

Abstract

This text is the result of a study carried out in the Bachelor of Philosophy course at the Catholic Faculty of Feira de Santana, as a proposal for the production of a TCC in the modality of a scientific article. In this sense, the study seeks to answer the problematization of how the uncritical use of Artificial Intelligence (AI) in the academic environment calls into question the capacity of the individual's autonomy of reason and the impacts of this on the possibility of the individual reaching Enlightenment in the Kantian perspective. In this bias, the exploratory research and qualitative approach is based on a bibliographic review that analyzed definitions and reflections of several authors on the subject. The general objective is to investigate how the intensive use of Artificial Intelligence can influence the process of emancipation of the individual, raising ethical debates about the autonomy of thought and dependence on digital technologies, seeking to relate the Enlightenment to the notion of what we call tutelage or digital dependence. In conclusion, it is necessary to consolidate an ethical culture in the use of these technologies, in order to preserve the exercise of autonomous and critical reason, preventing the technical progress of AI from becoming a new obstacle to Enlightenment. Thus, the results of this study contribute to the interdisciplinary debate on the role of Artificial Intelligence in the processes of knowledge formation and freedom of each individual.

Keywords: Clarification. Artificial Intelligence. Ethics. Academic Environment. Contemporaneity.

Introdução

Vários fatores em nossos estudos filosóficos, sobretudo da Era Moderna, chamam-nos a atenção para o imperativo do filósofo alemão Immanuel Kant: *"Sapere aude!"* (Kant, 1985, p. 100). Toma coragem de fazer o uso do teu próprio entendimento. Haja vista que desde o início percebemos nisto um ideal iluminista que não se limita ao contexto histórico no qual foi escrito, muito embora não possamos desassociar o filósofo do seu lugar de fala. Outrossim, diante das eventualidades da contemporaneidade, enxergamos aí o lugar de trazer o pensamento de Kant para refletir a realidade em que estamos inseridos, sobretudo nesta era ultra tecnológica que ganha notoriedade a partir do surgimento e popularização da Inteligência Artificial.

Assim, ao longo desta pesquisa além de relacionar o Esclarecimento kantiano e a IA, buscamos nortear o estudo partindo da seguinte problemática: na sociedade dos algoritmos, em que a popularização do uso da Inteligência Artificial, sobretudo no ambiente acadêmico, coloca em questão a capacidade da autonomia da razão dos indivíduos, a IA se torna um empecilho para o Esclarecimento? De que forma o seu uso na academia influencia este processo individual dos seres humanos?

Para tanto, nossa pesquisa exploratória tomou como hipótese que o uso não ético, acrítico e irreflexivo de recursos de Inteligência Artificial pode fomentar uma nova forma de dependência cognitiva que perpetua, ainda que em uma nova roupagem, a menoridade do indivíduo na perspectiva do ideal de Esclarecimento *(Aufklärung)* de Kant, no qual o indivíduo não é capaz de fazer o uso do seu próprio entendimento.

Com efeito, a justificativa e a relevância desta pesquisa devem-se à atualidade do tema, uma vez que muito tem se produzido sobre a IA dada a amplitude deste vasto campo que pode ser interpretado e pesquisado de múltiplas formas. Porém, costuma-se associar o tema da tecnologia primeiramente a Heidegger, que embora tenha sido usado neste estudo, não é o filósofo basilar que pesquisamos. Então, associar a IA ao Esclarecimento de Kant permite mostrar que a ideia do Esclarecimento kantiano não está restrita ao seu tempo histórico, mas apresenta uma fecunda aplicabilidade no contexto contemporâneo, o que dá, sem pretensões nossas, originalidade ao texto.

Além disso, este trabalho emerge da ampliação e aprofundamento de uma produção textual realizada por nós anteriormente para uma disciplina neste curso de filosofia, buscando preencher possíveis lacunas identificadas em produção anterior na qual ainda não havia lastro suficiente para desenvolver, ainda que a delimitação de associar a IA e o ambiente acadêmico seja nova. Trata-se, portanto, de uma proposta de investigação bibliográfica teórica de aperfeiçoamento acadêmico e crítico. A pesquisa também possui um caráter interdisciplinar, ao promover o diálogo entre filosofia, ética, história e educação, articulando os conceitos de autonomia, liberdade e conhecimento humano na era digital.

Metodologicamente, a pesquisa tem caráter exploratório, uma vez que esse tipo de "pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses" (Gil, 2002, p. 41). De acordo com o mesmo autor, podemos classificá-la como bibliográfica, porque "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos" (Gil, 2002, p. 44). Além disso, sua importância se dá pelo fato de "permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente" (Gil, 2002, P. 35). No que diz respeito à abordagem, é uma pesquisa qualitativa que segundo Gil (2002), é a possibilidade de coletar dados, selecionar os que melhor se enquadram na pesquisa e interpretá-los para redação do texto.

Desse modo, nosso objetivo para este texto consiste em analisar a partir da perspectiva kantiana de Esclarecimento *(Aufklärung),* como o uso não ético, acrítico e dependente da IA na contemporaneidade, sobretudo no ambiente acadêmico, compromete ou não a emancipação do indivíduo para fazer o uso do seu próprio entendimento problematizando o papel e as propostas filosóficas possíveis diante desse cenário tão vasto para nossa reflexão.

Para tanto, traçamos três objetivos específicos que são discorridos e correspondem às seções do artigo, a saber: analisar e buscar a definição do que seria o Esclarecimento (*Aufklärung*) em

Immanuel Kant; identificar a definição do que se entende por Inteligência artificial, haja vista que o tema possui uma grande amplitude, utilizando para isto diversos artigos sobre o tema de forma específica, também, o uso da IA no ambiente acadêmico e por fim, relacionamos de forma filosófica os dois eixos centrais da pesquisa acima mencionados que nos encaminham para as nossas considerações finais que encontram como caminho a ética do uso destas ferramentas, o que abre a possibilidade de vastas reflexões para a sociedade e outros trabalhos acadêmicos.

1 O conceito kantiano de esclarecimento *(aufklärung)*

Immanuel Kant (1724-1804) foi um filósofo moderno do Séc. XVIII, alemão da antiga Prússia, viveu por quase 80 anos e deixou um legado filosófico bastante amplo com seus escritos e reflexões. Desta vastidão, destacamos aquela que é base desta nossa pesquisa: trata-se do seu opúsculo possivelmente escrito ainda em 1783, mas que fora publicado apenas em dezembro de 1784, o último texto daquele ano na revista mensal alemã *Berlinischen Monatsschrift.* Nele, o filósofo apresenta sua resposta à pergunta o que é o Esclarecimento *(Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung*[1]*?)* pergunta esta, que marca o pensamento do Iluminismo[2], contexto histórico no qual Kant escreveu o seu texto.

Por sua vez, o que seria a *Aufklärung* foi um questionamento que marcou não só a publicação de Kant na revista em questão, mas toda aquela época de luzes em que se pretendia romper com ideais do medievo por meio do uso da razão de forma plena, pois, segundo Souza (2019), esta pergunta pode ser compreendida levando em consideração o período histórico do Iluminismo, ainda que não tenha sido problematizada a partir somente do viés histórico. Desse modo, vale sublinhar que vários pensadores germânicos refletiram e problematizaram a pergunta do que seria a *Aufklärung,* muito embora a notoriedade da resposta de Kant é nossa delimitação de estudo.

[1] É impossível fazer uma tradução do termo filosófico alemão '*Aufklärung*', tal a multiplicidade de sentidos congregados nesta noção. [...] Diversos motivos levam-nos a julgar que, sem ser perfeita, a transcrição pela palavra 'Esclarecimento' talvez seja a de todas a melhor, principalmente porque acentua o aspecto essencial da '*Aufklärung*', o de ser um processo, e não uma condição ou uma corrente filosófica ou literária, que a razão humana efetua por si mesma para sair do estado que Kant chama 'menoridade', a submissão do pensamento individual ou de um povo a um poder tutelar alheio." Nota do tradutor presente em: KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"? (*Aufklärung*). In. Textos Seletos. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 100-117.

[2] [...] uma tendência intelectual, não limitada a qualquer época específica, que combate o mito e o poder a partir da razão. Nesse sentido, o Iluminismo é uma tendência trans-epocal, que cruza transversalmente a história e que se atualizou na Ilustração, mas não começou com ela, nem se extinguiu no século XVIII. A Ilustração aparece assim como uma importantíssima realização histórica do Iluminismo, certamente a mais prestigiosa, mas não a primeira, nem a última (Rouanet, 1987, p. 28).

Desse modo, a escolha deste texto como fundamento teórico desta pesquisa justifica-se por estes conceitos kantianos oferecerem critérios filosóficos suficientes para analisar as novas formas de dependência do uso da razão na contemporaneidade, ainda que o texto apresente sua realidade histórica que não passa despercebida em nossa análise. Assim, antes de examinar o impacto da Inteligência Artificial no ambiente acadêmico, faz-se necessário compreender nesta seção como Kant entende o processo de emancipação racional do indivíduo, para basear a nossa pesquisa.

Segundo Kant, "Esclarecimento *(Aufklärung)* é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado" (1985, p. 100). Esta iluminação, seria, portanto, uma condição que o próprio homem causa a si não por falta de conhecimento, intelecto, razão, entre outros. Mas, para o autor, é por falta de uma tomada de decisão e coragem. Assim, exclama Kant: "*Sapere aude!" (1985, p. 100)* Toma coragem de fazer o uso de seu próprio entendimento torna-se o lema do Esclarecimento, como uma chamada de atenção aos indivíduos para a saída do uso de entendimento de outrem.

Conforme a ideia de Bresolin (2015), a *Aufklärung* vai muito além de um conceito restrito, contextualizado e estático, mas é um processo pessoal e por isto, intransferível em que o indivíduo é o culpado ou até mesmo busca este estado de menoridade. Parece que é necessária uma "autodeterminação", ou seja, um esforço de coragem para a saída dessa inercia de entendimento e começar a formulação e postulação dos próprios conhecimentos. Somente assim, é possível chegar a essa espécie de independência.

Além disso, é importante sublinhar conforme Bresolin (2015), que o conceito de *Aufklärung*, enquanto tradução, vai além de uma análise sintática do termo, mas trata-se de uma tradução conceitual. Acontece que, como sublinha o tradutor Floriano de Sousa, vários termos poderiam traduzir literalmente a *Aufklärung*, no entanto, soariam com outras palavras homônimas e perderia o sentido que Kant busca desenvolver no texto que ultrapassa o que se entende por iluminismo ou ilustração e não abarcaria a totalidade do termo para a filosofia kantiana.

Com efeito, a menoridade é definida por Kant como "a incapacidade de fazer uso de seu próprio entendimento sem a direção de outro indivíduo" (Kant, 1985, p. 100). Ou seja, o homem passa a ser tutelado pela orientação de outra pessoa, um líder religioso, um governante, um oficial, um financista etc. apesar de que a ideia de um tutor não está necessariamente ligada a ofícios de autoridade e subserviência já que a falta de decisão e coragem são a causa da menoridade e não um autoritarismo hierárquico. Isto é percebido de forma concreta na máxima do filósofo prussiano *"Sapere aude!" (Kant, 1985, p. 100)* que apresentamos acima. Uma vez que fazer o uso do próprio

entendimento, leva-nos a entender que: "o filósofo não propõe uma transformação no pensamento de um líder ou de um guia, para que então estes possam melhor gerir a vida de seus tutelados, mas, sim, uma mudança no pensamento de cada indivíduo" (Barros, 2016, p. 4).

Assim, a culpa do indivíduo por este estado de menoridade é causada pela preguiça e covardia. Kant (1985), acredita que o curso normal da natureza já libertou por si mesmo o homem de uma direção estranha, porém, ainda assim há homens que permanecem menores durante todo o curso de sua existência o que facilita que outras pessoas tornem seus tutores. Ademais, salienta-se que as causas citadas para menoridade são uma constatação devido a comodidade que este estado do homem possui.

Para isso, Kant diz que existem vários recursos que possibilitam a perpetuação dessa comodidade que deixa o homem covarde ao ponto de não haver para tal necessidade de um esforço de si próprio porque pensar a partir de outro é mais fácil, por exemplo: "não tenho a necessidade de pensar, quando posso simplesmente comprar" (1985, p. 102). Percebe-se que, o autor, denota ainda uma crítica aqueles que então desenvolviam a tutela quase que naturalmente pela profissão, mas que em dado momento chegavam a vender o entendimento passando a usar o que possuíam para dominar e domesticar os seus subordinados dando a estes uma espécie de calmaria, preservação:

> [...] depois de terem primeiramente embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranquilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerram, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas (Kant, 1985, p. 102).

Para Souza (2019), isto se dá pelo fato de que no contexto da obra havia um esforço pelo Iluminismo para que os homens rompessem com as correntes que aprisionavam a sua razão para que pudessem, assim, progredir em seu entendimento e reflexão. Isto porque na época se tinha um grande apresso pela ideia da necessidade do conhecimento e sua importância frente aos tutores que ali dominavam como por exemplo o rompimento com o que se entendia como a doutrinação das igrejas na Idade Média. Portanto, Kant constata que não era tão perigoso dar passos fora dos tutores, mas que, o que se pretendia era atemorizar e intimidar os indivíduos e então garantir a domesticação destes sob a orientação de outrem o que para estes tutores podemos intuir que seria vantajoso.

A partir disto, podemos afirmar que maioridade, por sua vez, é a capacidade do homem de fazer o uso de seu entendimento e consegue por si mesmo ser o seu próprio guia, tutor, orientador nas tomadas de decisões que incidem em seu próprio entendimento tornando-se um sujeito Esclarecido e saindo, portanto, da menoridade. Muito embora o autor esteja criticando as tutelas

próprias do seu tempo, sua reflexão possibilita relacionarmos as situações de tutelas contemporâneas como a IA. Desse modo, estes termos em Kant vão além de uma questão de idade ou o que a sociedade civil entende tendo como base os dezoito anos, já que, o autor

> [...] define a saída no âmbito do Esclarecimento, o filósofo parece chamar atenção para a saída de um estado em que o sujeito, por outros motivos, alheios à questão de sua capacidade jurídica ou não, ainda não é capaz por si só de se autotutelar. No âmbito da *Aufklärung*, a questão jurídica parece perder um pouco da sua importância, sobretudo pelos elementos que o pensador mobiliza para discutir essa saída particular da menoridade (Souza, 2019, p. 53).

Quanto a dificuldade da saída da menoridade para a maioridade, Kant (1985) apresenta em seu texto a possibilidade da comodidade se tornar algo como que a própria natureza do homem e por isso um grande obstáculo para este libertar-se dessa situação que gera vínculo e o homem é capaz de chegar a "criar amor por ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca deixaram fazer a tentativa de assim proceder" (1985, p. 102). Os artifícios de submissão são tão eficazes que possibilitam uma menoridade sentenciada perpetuamente e geram insegurança no indivíduo para que este dê passos na sua autonomia. No entanto, o próprio filósofo deixa claro que parece que muito poucos são aqueles que conseguem chegar à maioridade.

Assim, a partir destas definições kantianas, nas quais percebe-se que a passagem da menoridade à maioridade está centrada na capacidade de autotutela do sujeito. Tomaremos isto como base de nossa análise, sobretudo nas próximas seções, para discutir as dificuldades e os favorecimentos implicados no uso da Inteligência Artificial no ambiente acadêmico, uma vez que isso nos permite inferir uma relação direta entre o uso dessas tecnologias e o exercício autônomo da razão do estudante.

Depois de conceituar de forma muito objetiva o que é o Esclarecimento (*Aufklärung*), Kant apresenta em seu texto a liberdade como uma espécie de condição fulcral para o indivíduo passar da menoridade para a maioridade. Isto é perceptível em duas passagens, a primeira quando ele afirma que um público certamente irá se esclarecer, é possível, mas para tanto, "se lhe for dada a liberdade" (1985, p. 103). E de forma mais explicita na página seguinte, quando aponta que apesar da dificuldade na emancipação racional do indivíduo que necessita de uma espécie de revolução, porém, "nada mais se exige senão a liberdade" (1985, p. 104). Conceito que para ele trata-se do exercício daquilo que Kant define por uso público da razão, que entende a liberdade como algo que

tem a ver com o uso da razão de forma universalizada e, portanto, pública, sendo essa a condição *sine qua non* para o Esclarecimento.

A partir disto, Souza (2019) afirma que essa definição de liberdade na resposta de Kant ao Esclarecimento não é muito clara, nesse sentido, Kant não se debruça a definir liberdade ou associá-la a autonomia que por exemplo é um conceito discorrido em sua filosofia noutras obras, mas aplica-se de forma contextualizada na qual entende-se que:

> A liberdade pública está relacionada com o fato de que qualquer pessoa, com um determinado conhecimento, pode usar sua razão diante do público letrado. Embora seja óbvio que fazer esse uso não é muito fácil, devido aos entraves naturais para tal, existe na concepção kantiana uma abertura no sentido de que qualquer pessoa pode fazer esse uso público da razão. A questão é ter conhecimento, usá-lo e ser, de fato, um *Gelehrter*[3], isto é, uma pessoa instruída (Souza 2019, p. 76).

Por sua vez, a definição de uso privado seria aquela que é feito de forma doméstica por quem exerce um cargo de maneira pública que requer deste uma realização de entendimentos pré-estabelecidos ou execução de incumbências. Para Kant (1985), o uso privado é aquele que se contraria a um uso da razão de forma ilimitada, e falando o que entende de maneira pessoal. Para exemplificar isto, o filósofo aponta que isto causaria uma sequência de repetição de absurdos já que por função e obrigação pode haver tutores para casos específicos, como os padres na dimensão espiritual, um general nas coisas que se referem ao serviço militar, o professor no âmbito do ensino, entre outros.

Nessa ótica, põe-se em questão se este contexto de Esclarecimento diz respeito apenas ao homem que viveu o alvorecer do Iluminismo, rompendo-se com o dogmatismo ou se há validade para a pessoa humana em quaisquer épocas. Desenvolveremos então uma contextualização deste período da contemporaneidade fazendo a questão de se a sociedade hodierna vive mesmo em uma época esclarecida e se há espaço para o Esclarecimento nos tempos atuais.

1.1 Quais as possibilidades do esclarecimento na contemporaneidade?

Ao conceituar e contextualizar no período histórico o texto de Immanuel Kant, percebe-se que há uma relação nas ideias do autor e as ideias que se desenvolviam a partir do Iluminismo. Contudo, como já sublinhamos, as ideias de Esclarecimento apresentadas pelo autor não se limitam ao contexto do Iluminismo. Conforme o pensamento de Barros (2016), a cautela para o pensar a filosofia relacionada a uma época, não faz dela um desfecho ou que se reduza apenas a um resultado

[3] Termo em alemão que significa sábio, ou seja, esclarecido (Tradução nossa).

do período. Por conseguinte, nossa pesquisa não pretende ser uma atualização de conceitos, ou mera aplicação do conceito na contemporaneidade e, portanto, um anacronismo, que segundo Gonçalves (2022):

> O anacronismo foi encarado frequentemente como um obstáculo a se superar. David Hackett Fischer definiu-o como qualquer descrição, análise ou juízo sobre um evento que situe tal evento num ponto do tempo distinto daquele que, de fato, ocorreu – se o evento tiver ocorrido antes, o erro é chamado "pedantemente" de procronismo, e se depois, metacronismo [...] (Gonçalves, 2022, p. 288 *apud* Fischer, 1970, p. 132).

Em consonância com o pensamento de Barros (2016), podemos afirmar o Esclarecimento como possibilidade na contemporaneidade. Para tanto, devemos aceitar como base nesse itinerário aquilo que sublinhamos como *o Aufklärung* não como tradução semântica de iluminação, mas como uma tradução conceitual que nos leva a defini-lo como um processo. Ou seja, Esclarecimento vai além das definições e conceituações que podemos fazer deste, porque ele é "acima de tudo, um processo o qual não se restringe a determinados períodos ou épocas históricas, mas é sempre novamente posto, independentemente do espaço e do tempo" (Barros, 2016, p. 21).

Em seu texto, Immanuel Kant provoca um questionamento hipotético acerca de se a sociedade já atingiu o Esclarecimento o que por ele mesmo é respondido com "não, vivemos uma época de Esclarecimento" (Kant, 1985, p. 112). Destarte, podemos pensar que o filósofo também o entendia como possibilidade processual e não uma simples mudança de estado da menoridade para a maioridade. Assim, como não há um limite de tempo, idade etc. para atingi-lo, podemos inferir que também o processo não se limitou ao seu tempo histórico, mas é possibilidade para o indivíduo contemporâneo. Já que, para Kant:

> Somente temos claros indícios de que agora lhes foi aberto o campo no qual podem lançar-se livremente a trabalhar e tornarem progressivamente menores os obstáculos para o Esclarecimento (*Aufklärung)* geral ou a saída deles, homens, de sua menoridade da qual são culpados. Considerada sob este aspecto, esta é a época do Esclarecimento [...] (Kant, 1985, p. 112).

Portanto, deixar a selvageria por si mesmo é um desafio processual e sendo assim, é uma possibilidade na contemporaneidade que se reveste hoje de diversas novas formas de tutela das quais nossa pesquisa tem interesse. Além disso, podemos pensar conforme Barros (2016) que em seu texto afirma que "o processo do Esclarecimento (*Aufklärung*) não se esgota em uma simples época, seria de todo errôneo asseverar que uma época é esclarecida, como se estivesse cumprido todas as expectativas da *Aufklärung*" (Barros, 2016, p. 5). Apesar do contexto ser outro, a ideia

central de Esclarecimento como um conceito de emancipação racional do sujeito de maneira processual não encontra empecilhos para isto na atualidade, a não ser aqueles que o próprio Kant já sublinhara de maneira clara: a preguiça e a covardia da comodidade de ser guiado por outrem.

Ademais, podemos perceber que a ideia kantiana não pretende ser uma espécie de revolução apenas pela efervescência do iluminismo e seus ideais, mas algo que coincide com a pessoa humana em sua individualidade que se reverbera no todo da vida em sociedade. Com efeito, descreve acerca disso Barros (2016) que a totalidade do conceito da saída da menoridade é entendida como um movimento do indivíduo como já sublinhamos ao longo deste nosso texto para enfatizar que se é um movimento processual, coincide necessariamente com a individualidade e própria existência do sujeito que por sua vez se desloca neste movimento como uma tarefa para toda a humanidade. Ou seja, não é para os iluministas, não é para os prussianos, não é uma possibilidade meramente filosófica, mas, da humanidade e assim, "se insere no decorrer da história do indivíduo sem se esgotar nele, na medida em que é a história do Esclarecimento (*Aufklärung*) que possibilita a melhor compreensão da história do indivíduo" (2016, p. 6).

Assim, em Kant o Esclarecimento pode ser possibilidade atual porque sendo processual, "percorre épocas e culturas em meio ao desenvolvimento da humanidade, sem se exaurir em algum momento, já que a humanidade é passível de um inesgotável aprimoramento" (Barros, 2016, p. 7). Ao passo que hoje, com a crise da tutela de instituições, e a o nosso contexto de uma nova era amplamente tecnológica podemos perceber no uso irresponsável e dependente da Inteligência Artificial (IA) sobretudo em ambiente acadêmico, uma espécie de menoridade digital que implica de forma negativa neste processo de autonomia racional do homem contemporâneo.

2 O que é a inteligência artificial (IA)

Nos tempos hodiernos muitos são os efeitos e mudanças a partir do processo da globalização. Esta mudança de época se deu de várias formas e por diversos fatores, mas entre estes é notória a grande revolução tecnológica que vai dos avanços tecno científicos nos aparelhos e na indústria até a popularização da internet e dos *smartphones*, por exemplo. Com efeito, em meio as tensões e reinvenções frente a pandemia do coronavírus ganha-se notoriedade entre nós a chamada Inteligência Artificial, ou puramente IA, que embora tenha um surgimento anterior a este contexto, continua sendo uma seara que ainda está em processo de conhecimento dada a sua amplitude, mas que tem sido objeto de muitos questionamentos, pesquisas e exploração devido a propagação em massa do seu uso.

Segundo Barroso e Mello (2024), a Inteligência Artificial se constitui de um campo abrangente, quiçá o mais reflexivo simultaneamente na história e por este fator não foi possível ainda uma convergência na sua definição, já que a IA se manifesta de diversos modos, tipos e formas. Apesar de sua popularização em 2022, no contexto que sublinhamos acima, a IA remonta aos meados do Séc. XX, com os estudos e pesquisa de Alan Turing para os primeiros computadores, em que essa terminologia é estudada de forma reconhecida ao menos desde 1956 quando surge o termo criado por John McCarthy que a associou ao ramo das Ciências da Computação. Tomaremos, pois, nesta nossa pesquisa a definição de IA que se encontra em um artigo da Associação Brasileira de Tecnologia Educacional que a definiu como:

> A capacidade de dispositivos eletrônicos de funcionar de maneira que lembra o pensamento humano. Isso implica em perceber variáveis, tomar decisões e resolver problemas. Enfim, operar em uma lógica que remete ao raciocínio. Ou seja, a Inteligência Artificial se propõe a elaborar dispositivos que simulem a capacidade humana de raciocinar, perceber, tomar decisões e resolver problemas, enfim, a capacidade de ser inteligente (Barbosa; Portes, 2023, p. 17).

É interessante pensar que a Inteligência Artificial apesar de ser um campo de ampla e complexa reflexão, está próximo e presente nas diversas atividades cotidianas dos seres humanos, quer como uma poderosa auxiliar, quer como uma boa substituta que nos deixa livres de atividades corriqueiras, conforme nos afirmam Barroso e Mello (2024) que citam as várias possibilidades da IA que vão desde a limpeza da casa até a produção de textos ou reprodução da imagem de pessoas de acordo com a necessidade do usuário. Ou seja, estes sistemas algorítmicos transferem as atividades de capacidade outrora necessariamente humanas, e as executam de maneira impressionante e surpreendente, o que é justamente o motivo de todas essas reflexões que vão além de uma procura por uma definição ou conceito para o fenômeno. O que percebemos, portanto, é um esforço de lançar luzes neste campo de transformação, pois, "o problema não está na tecnologia em si, mas no uso que faremos dela e, sobretudo, em como pretendemos distribuir os benefícios que irá gerar" (Barroso; Mello, 2024, p. 6)

Outrossim, apesar do excelente desempenho das plataformas ou ferramentas de Inteligência Artificial, o conhecimento destas lembra, mas não consiste em uma inteligência com a capacidade do conhecimento humano; ou melhor, segundo Souza (2025), depende do humano, uma vez que o que dá qualidade as respostas da IA é justamente o *feedback*, ou seja, é o retorno do homem por meio de sua interação com a Inteligência Artificial durante o uso dessas ferramentas que vai aprimorar e ajustar os resultados dando consistência a eles. Isto porque a IA não é uma fonte própria

de geração de conhecimento, mas adquire estes, o que possibilita a formação de uma base de dados por meio de sistemas algoritmos em que "esses sistemas se alimentam basicamente de dados, aprendem com eles e vão se ajustando a cada entrada de novos dados" (Barbosa; Portes, 2023, p. 17).

Em consonância ao pensamento das autoras acima, Barroso e Mello (2024) sublinham que apesar das constantes evoluções na IA, até então ela não consegue ter em si mesma a sua consciência porque é dependente daquilo que o humano manifesta de sua inteligência na relação com as ferramentas. No entanto, não há um impedimento visível para o aprimoramento da IA, uma vez que ela possui uma capacidade enorme de novos aprendizados que a aperfeiçoam e potencializam-nas. Com a maximização dos dados que ela tem acesso, estas ferramentas podem fazer inúmeras relações de diversas informações seja descartando ou somando novas informações a partir desses cruzamentos que vão orientar o cumprimento das tarefas das ferramentas, ou seja é o sistema algoritmo:

> [...] fórmulas, códigos e roteiros que selecionam, tratam e estocam os dados, com o objetivo de obter um determinado resultado. Os dados selecionados (inputs) e suas correlações permitem conduzir aos resultados visados pelo programa (outputs), que podem ser os mais variados. Por exemplo: se o resultado dá ensejo à diferenciação entre objetos e seres vivos, fala-se em IA discriminativa; se o resultado for a previsão de comportamentos – de consumo, financeiros ou políticos – tem-se a IA preditiva; se for a geração de conteúdos – textos, imagens ou sons –, diz-se que é IA generativa (Barroso e Mello apud. Hacker et. al 2023, p 1-3 e 13).

Isto posto, percebemos então que existe na IA uma capacidade de aprendizado que embora não tenha características necessariamente humanas valem-se de nossa inteligência e os sistemas tecnológicos para produzir isto. Do inglês *machine learning*, o aprendizado da máquina é uma das subáreas da ciência da computação que diz respeito aos conhecimentos que a máquina adquire de forma automática como é o caso das Inteligências Artificiais, ou seja, é "a capacidade de aprendizado de máquina é o que diferencia a Inteligência Artificial da mera automação" (Barroso e Mello, 2024, p. 9). Este aprendizado, vale-se das chamadas Redes Neurais Artificiais *(neural networks*) que são sistemas de computação que imitam o funcionamento e desenvolvimento do sistema nervoso dos seres humanos para administrar a imensa onda de informações que recebe e faça assim, correlações no armazenamento e produção de dados.

Conforme nos apresenta Osório (2025), das várias ferramentas de aplicações e usos de Inteligência Artificial, a que ganhou destaque no ambiente acadêmico e na sociedade se popularizou nos meados de 2022, trata-se de uma IA que é definida como Generativa ou Gerativa este tipo de IA

realiza várias atividades usando um Modelo de Linguagem Natural ou LLM *(Large Languege Model).* Trata-se do *ChatGPT (Generative Pre-trained Transformer)* da empresa *OpenAI* que teve seu uso rapidamente propagado, sobretudo em ambiente acadêmico, uma vez que a forma de seu funcionamento é simples, imediata e possui resposta sobre diversos conteúdos, gerando assim diversos resultados.

> [...] os Modelos de LLMs e o ChatGPT possuem a capacidade de gerar textos, muito corretos, coesos e convincentes, sobre diversos assuntos. Os Modelos Generativos possuem a capacidade de gerar textos, imagens, vídeos, áudios e mesmo programas em linguagens de computação, com resultados impressionantes. Porém precisam de uma SUPERVISÃO humana, pois geram erros, informações incorretas, inconsistências e alucinam (Osório, 2025, p. 23).

Além do ChatGPT, existem vários recursos ou ferramentas tecnológicas nos cercando e que podem passar despercebida por nós, por exemplo, o recurso de autocompletar, que está presente sobretudo em nossas abas de conversas, buscadores e barra de pesquisas. O autocompletar é o recurso em que "é possível antecipar o que alguém vai digitar no prompt e sugerir textos para completar o texto que segue, textos estes que são mais prováveis de serem digitados a seguir" (Osório, 2025, p. 19). Por exemplo, ao digitar feliz, certamente parecerá como subestação para completar o texto palavras como aniversário, vida, Natal, Páscoa etc. No entanto, neste mesmo recurso, podemos perceber a limitação da IA, haja vista que ela não tem conhecimento do mundo material e para demonstrar de forma clara isso, o autor usa o seguinte exemplo:

> O autocompletar é simples assim, um algoritmo que tem um contexto de entrada (prompt) e que gera uma saída que se "encaixa" neste contexto [...] Agora imagine que eu escreva o seguinte texto (prompt): [Usuário] "A bola é redonda por isso ela pode...", é de se esperar que um LLM complete com [GPT] "pode girar" ou "pode rolar" ou "pode ser chutada", por exemplo. Isso leva os usuários a crer que a máquina entende o que é uma bola, para que ela serve, o que significa rolar, girar, chutar, porém a máquina não entende estes conceitos pois ela não tem capacidade de entender o mundo físico como ele é! O LLM está apenas manipulando palavras, representadas por números, e realizando o autocompletar, sem realmente entender sobre o que está escrevendo (Osório, 2025, p. 20).

Portanto, podemos inferir que de fato há algo de novo em meio ao uso das tecnologias e que este novo tem um potencial de se transformar, aperfeiçoar, atualizar que o torna cada vez mais próximo ao raciocínio dos seres humanos o que não o isenta de apresentar limitações que vão desde a sua definição aos próprios resultados. Além disso, percebemos amplitude da Inteligência Artificial que está presente nas situações corriqueiras do nosso cotidiano bem como nas atividades de nível

acadêmico e científico de modo que já é possível fazer uma reflexão sobre o uso da IA, campo este que se apresenta atualmente como desafiador e impactante.

2.1 As implicações do uso da IA no ambiente acadêmico

Conforme sublinhamos, o acesso ao uso da Inteligência Artificial se dá de maneira muito acessível, o que ajudou na propagação do seu uso. Além disso, destacamos conforme Barbosa e Portes (2023), que os *chatbots* como o *ChatGPT* funcionam de maneira integral, sem intervalos, sem descanso, tal que suprem a demanda de acesso dos seus usuários. Neste cenário, rapidamente o uso das inteligências artificiais se propagou no ambiente acadêmico por inteiro, mas de uma forma muito pertinente nos cursos de graduação, recorte do uso da IA que queremos descrever neste nosso texto, haja vista que o lugar de reflexão e conhecimento pode estar se tornando um local de respostas automáticas e pouco autônomas.

Outrossim, é perceptível que o contexto da educação durante a Pandemia do Covid 19 foi o cenário que obrigou o uso das telas e de ferramentas tecnológicas para a necessidade do ensino remoto e depois, híbrido. De acordo com Figueiredo et al. (2023) estas novas maneiras de ensino aceleraram ainda mais a adoção de aparelhos eletrônicos diversos para usufruir das possiblidades tecnológicas possíveis naquele momento.

A possibilidade de personalização do ensino, o monitoramento do desempenho dos discentes e a criatividade metodológica no processo de ensino e aprendizagem são sublinhados pelos autores como os principais recursos e proveitos positivos permitidos pela IA neste contexto, o que se perpetuou e tomou a posteriori maiores proporções. Segundo eles esperam: “a utilização da IA na educação possa ser mais ampla e sofisticada. A tecnologia pode ser utilizada, por exemplo, para a criação de sistemas de avaliação mais precisos justos, ou para a criação de simuladores que permitam a prática de habilidades específicas” (Figueiredo et al. 2023, p. 9).

Em contrapartida, vale sublinhar que o debate acerca do uso das tecnologias no ambiente acadêmico não é um assunto que alvoreceu nos últimos anos, desde o surgimento da *internet* e dos *smartphones* que existem discussões sobre a maneira adequada de promover um uso deles sem danos ao aprendizado do indivíduo:

> Além das ferramentas citadas nesse trabalho – Inteligência Artificial e o *ChatGPT* - , como todas as tecnologias digitais, presentes no cotidiano das pessoas, tais como: o celular, a internet, o tablet, laptops, a TV digital, os softwares, entre outros, devem ser, também, exploradas para se extrair destas ferramentas todo o potencial tecnológico. Vale lembrar, que tais aparatos tecnológicos precisam ser ressignificados para o uso no processo educativo, pois acreditamos que é dessa

> ação que poderão surgir novos meios de aprendizagem (Barbosa e Portes, 2023, p. 24).

Segundo Osório (2025), a geração de conteúdos da Inteligência Artificial é algo que pode ser enriquecedor sobretudo no que se refere a sugestões, correções, informações etc. em contraste a isto o mesmo autor enfatiza em seu texto, como nós já sublinhamos, a problemática das alucinações desses modelos de linguagem. E é talvez este o ponto que demonstra como o uso da IA precisa de uma reflexão e não somente o lançamento de prompts com resultados imediatos que nos satisfaçam facilmente. Ou seja, no ambiente acadêmico a preocupação com a capacidade de crítica e reflexão tornam-se assuntos de urgência uma vez que é perceptível esta realidade de apenas buscar conteúdos e reproduzi-los sem a devida criticidade que se espera de um acadêmico.

Outro ponto importante de ser refletido, para além dos dados cruzados que não garantem um texto autêntico e condizente com a realidade como ela o é, no campo das produções acadêmicas a questão das autorias merece notoriedade. Osório (2025), sobre isto, afirma que a IA não faz juízo de valor, menos ainda ético do que gerará como resultado o que tem gerado um alto índice de plágios o que implica diretamente nas produções e pesquisas acadêmicas, bem como nas questões de propriedade intelectual, direitos autorais, entre tantos outros que levam Barroso e Mello a constatar que "não há como ser exaustivo na exploração dos riscos envolvidos no desenvolvimento da IA, pois são incontáveis as possibilidades a serem consideradas, fora aquelas que não somos sequer capazes de imaginar e antecipar" (Barroso; Mello, 2024, p. 24).

Recordemos que a alimentação do *chat* é um acúmulo de dados e não uma pesquisa exploratória de bibliografias ou documentos, mas apenas um cruzamento destes através dos sistemas algoritmos. Desse modo, vale recordar de que a IA e especificadamente o *ChatGPT* "embora ele seja uma ferramenta valiosa para a geração de conteúdo, sua falta de referências explícitas pode dar origem a problemas éticos e acadêmicos" (Figueiredo et al. 2023, p. 13). Ou seja, a produção de respostas é de ordem de produções terceiras, sem muitas vezes ter quaisquer ligações as fontes originarias.

Em maio do ano corrente, foi realizada por Araújo e Bezerra (2025) uma pesquisa que contou com a participação de alguns discentes dos cursos vinculados ao Centro de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), acerca do uso da IA e dos fatores críticos relacionados a este uso. Como resultado, os autores mostram como resultado que 76% dos discentes usam de forma recorrente os recursos de Inteligência Artificial na universidade e destes mesmos, 60% apontam que o fator crítico principal é a dependência que esse uso gera no discente

que tem como resultado problemas no desenvolvimento crítico, assim como também na autonomia do processo de ensino e aprendizagem. Apesar da amostra ser pequena e em um único ambiente, pela leitura de outros artigos podemos intuir que esse resultado é um painel da realidade do ambiente acadêmico.

Além disso, como já foi destacado, a IA pode sim gerar textos originais, mas como lastro de suas produções, não há uma revisão de literatura, mas de armazenamento de dados. Desse modo, um novo questionamento é aplicável, pois não é uma mera questão de autoria que permeia esta seara das produções, mas também de novos saberes, de comparar criticamente autores etc. que é próprio do ser humano como animal racional. Assim, Peres (2024) aponta como exemplo a revista *Science* que mudou seu edital de publicação a partir dessa problemática:

> [...] considerando isso, e em razão das implicações éticas relacionadas à integridade do conhecimento gerado por IA, o grupo de revistas *Science* atualizou, em janeiro de 2023, sua política editorial, reforçando o entendimento que um texto "original" não contempla qualquer produção gerada (integralmente ou em parte) pelo *ChatGPT*, afinal, trata-se de plágio do conteúdo de uma ferramenta geradora de textos, baseada no uso de Inteligência Artificial, e não um produto das ideias, reflexões e opiniões dos autores. Para tornar a questão ainda mais inequívoca, esta atualização de política editorial passou a registrar, de forma explícita, que um texto gerado pelo *ChatGPT* ou qualquer outra ferramenta de IA não pode ser usado em qualquer artigo submetido às revistas do grupo, assim como não são admitidas figuras, imagens ou gráficos gerados a partir de tais ferramentas (Peres, 2024, p. 11).

Ademais, a questão crucial por trás das diversas facetas da discussão sobre o impacto do uso da Inteligência Artificial e que nos chama atenção vai em consonância aos resultados das discussões de autores quando apontam que "a IA tem exercido um impacto significativo na área da aprendizagem, alterando a forma como as pessoas adquirem conhecimento e habilidades" (Figueiredo et al. 2023, p. 16). Isto porque o uso das ferramentas de IA são uma grande potencialidade no ambiente acadêmico quando usadas de forma criativa, mas também responsável.

Portanto, nosso texto não pretende apontar a IA como uma grande novidade que é tão somente ameaçadora. A grande problemática que apontamos neste estudo é a de que sem a devida reflexão e responsabilidade, as ferramentas da IA promovem uma dependência do conhecimento da máquina, e geram assim, uma certa dependência do que podemos definir como tutela digital, quiçá, seja esta uma nova faceta da menoridade do que nos apresentou Kant (1985), uma vez que, algumas decisões do indivíduo passam a ser tuteladas pelos sistemas algoritmos e deixam o indivíduo como aquele que apenas reproduz aquilo que a IA decide por ele.

3 A reflexão filosófica sobre a inteligência artificial: a busca por um uso esclarecido

Depois e traçarmos as conceituações e reflexões sobre o *Aufklärung* e a IA, nos propomos nesta seção relacioná-los. Desse modo, Maia, Bezerra e Ferreira (2020), corroboram conosco quando apresentam o pensamento de Heidegger afirmando que para este, a universalização do conhecimento seria um equívoco, haja vista que o conhecimento é algo fortemente ligado a experiencia do ser aí no mundo, assim, as autoras sublinham que "todo o conhecimento decorre puramente do resultado da sua própria existência e nunca serão universalizantes diante da circularidade da compreensão. Deve-se, portanto, buscar evitar compreensões prévias e universalizantes" (Maia; da Silva Bezerra; Ferreira, 2021, p. 6). Em consonância a este pensamento de Heidegger, apresentado por estas autoras, na contemporaneidade o uso de ferramentas de Inteligência Artificial, principalmente no ambiente acadêmico, tende a perpetuar essa mera reprodução de conhecimento que a IA armazenou em seus sistemas de dados.

O pensamento de Heidegger é sintetizado pelas autoras na formulação de que o conhecimento é construído através do contato do ser humano com o meio em que ele se insere, uma vez que "diferente da *machine learning* ou juiz robô, nós, seres humanos estamos em constante processo de reformulação do conhecimento movimentando o mundo e formando sentido" (Maia; da Silva Bezerra; Ferreira, 2021, p. 7). A Inteligência Artificial, portanto, pode tender a universalizar o pensamento humano quando sistematiza de forma automática e digital no conhecimento da máquina, o que gera um alerta para possibilidade do que as autoras chamam de enclausuramento.

Segundo Dias (2025), ao compreender o ser humano em Heidegger como um "projeto aberto", permanentemente inacabado e sempre em construção, abre-se inevitavelmente um campo de inquietações sobre o impacto das máquinas nesse horizonte existencial. Se a essência humana se realiza no movimento de projetar-se e de assumir decisões no mundo, surge então a questão de como esse processo se transforma quando sistemas artificiais começam a participar e até mesmo a influenciar escolhas que antes pertenciam exclusivamente ao âmbito humano. Assim, a inserção da IA no tecido da vida cotidiana não apenas reconfigura práticas e relações, mas também desafia a própria compreensão do que significa decidir, agir e existir enquanto seres que se constroem no tempo.

Ou seja, a mera reprodução de respostas prontas da IA, uma vez usadas sem a reflexão racional não geram novas formas de conhecimento, mas uma dependência ao aprendizado que é da máquina, restringem a capacidade de reflexão de acordo com a realidade do mundo real.

> Portanto, a essência da tecnologia, segundo ele, não é tecnológica; e erramos o alvo se atribuirmos o tecnológico à tecnologia. Isso simplesmente implica que os artefatos tecnológicos não são uma representação da essência da Tecnologia. Em vez disso, Heidegger argumenta que a essência da tecnologia está em sua capacidade de revelar e moldar nossa compreensão do mundo. Para ele, a tecnologia é um meio pelo qual interagimos e interpretamos nosso entorno, influenciando nossa percepção e relação com a realidade. Ele considera o homem escravizado à tecnologia, mesmo que a neguemos porque a vemos como algo neutro e esse ato singular nos cega para a verdadeira essência da tecnologia (Ekperi e Alawa, 2024, p. 515, tradução nossa).[4]

Enquanto Kant (1985), em seu opúsculo, buscava refletir acerca da saída do homem da menoridade, em que ele não consegue fazer o uso do seu próprio entendimento sem outrem, a IA assume na atualidade esta postura de tuteladora dos indivíduos. Além disso, pra Ekperi e Alawa (2024) Heidegger aponta para a capacidade das novidades tecnológicas serem aquelas que nos escravizam, ainda que não seja esta a sua verdadeira essência. Assim, quando o homem não domina a técnica para compreender o mundo e deixa-se pensar pela máquina, hoje, pela IA, a menoridade torna-se digital o que nos interpela a reflexão do seu uso de forma ética e livre.

Para Rafael (2007), quando o ser humano se relaciona com os instrumentos tecnológicos percebe-se que estes coincidem com a esfera da finitude e limitação. Dessa maneira, o pensamento desta autora nos ajuda a entender que a Inteligência Artificial, muito embora seja tão desconhecida de nós como algo encerrado e desvendado, necessariamente possui limites, o que nos interpela a não ficarmos presos ou dependentes destes recursos. Ademais, pensar a existência do homem em sua singularidade e subjetividade, é pensar e sua independência, é libertar-se do domínio tecnológico, uma vez que "Heidegger nos fala que não podemos deixar que a tecnologia nos domine e faça com que percamos nossas raízes" (Rafael, 2007, p. 6).

Muito embora as constantes atualizações e renovações tecnológicas, o pensamento heideggeriano continua sendo pertinente, é mais que necessária no contexto atual uma transparência algorítmica na qual o indivíduo é capaz de entender como um sistema de IA funciona, quais dados utiliza e como chega a determinadas conclusões ou decisões. Desse modo, nossa postura frente os recursos tecnológicos é que determinam a forma que somos afetados por estes instrumentos, de modo que

[4] "Therefore, an apprehension of its essence enables us to experience the nature of technology in its true form. However, he argues that the concept of technology is not the same as the essence of technology. To prove this claim, he starts with an analysis of the term essence. Using the entity "tree" as an example, he says that what is common with all trees is not itself a tree that can be encountered, and this is the same for the notion of technology. This implies that the concept of technology is an abstract idea that cannot be directly encountered or experienced. Instead, it is the manifestation and application of technology in our daily lives that allows us to truly understand its essence" (Ekperi e Alawa, 2024, p. 515).

> Heidegger nos fala que não podemos deixar que a tecnologia nos domine e faça com que percamos nossas raízes. Para que isso não aconteça ele irá então nos apresentar dois modos pelos quais devemos nos comportar diante dos objetos tecnológicos. Segundo Heidegger para não sermos dominado pela tecnologia é necessário que saibamos simultaneamente dizer sim e dizer não a esses objetos [...] essa serenidade não implica numa evasão do mundo tecnológico ou numa negação que desencadearia na aniquilação da tecnologia, mas num modo de ser mais radicalmente nas coisas, na atenção ao Mistério que perpassa todas as nossas relações cotidianas (Rafael, 2007, p. 6-7).

Por sua vez, a Igreja Católica Apostólica Romana, atenta a esta realidade, formou uma comissão de estudiosos para tratar do assunto. Segundo o documento em forma de nota datado do ano de 2025, publicado por meio dos Dicastérios para Doutrina da Fé e da Educação e Cultura, percebe-se que a serenidade que nos falava o texto de Rafael (2007), pode ser interpretado neste viés como a sabedoria antiga e sempre nova, o que deu o nome da nota.

Segundo a nota, "existe um amplo consenso de que a IA marca um novo e significativo momento no envolvimento da humanidade com a tecnologia, colocando-a no coração do que o Papa Francisco descreveu como uma "mudança de época" (*Antiqua et Nova,* n. 4, tradução nossa).[5] Frente a estas constantes mudanças, encontra-se o contraste entre a inteligência humana e a inteligência da máquina, aspecto que apresenta similitude entre vários autores como é perceptível ao longo deste nosso texto. Enquanto a IA limita-se àquilo que os seus sistemas captam das informações de dados, o ser humano tem uma inteligência que pode discernir moralmente, e aperfeiçoar-se com seu crescimento físico, psíquico e emocional, além da capacidade de refletir a realidade que se apresenta diante de si em suas múltiplas dimensões. Desse modo, a Igreja reconhece as potencialidades da IA, mas também os efeitos e direcionamentos positivos e negativos do seu uso pelos homens.

Assim, a ética no uso da Inteligência Artificial é a condição *sine qua non* para o ser humano não ser dominado pela mesma e impedido de fazer o uso de seu entendimento de forma autêntica, seja nas relações acadêmicas, como nas mais variadas atividades cotidianas que correm os riscos de serem resolvidas pelo pensamento das máquinas. Uma vez que "Entre uma máquina e um ser humano, apenas este último é verdadeiramente um moral agente — sujeito de responsabilidade moral que exerce liberdade em suas próprias decisões e aceita suas consequências" (*Antiqua et Nova*, 39, tradução nossa).[6]

[5] "there is broad consensus that AI marks a new and significant phase in humanity's engagement with technology, placing it at the heart of what Pope Francis has described as an "epochal change." (Antiqua et Nova, 4).
[6] "Between a machine and a human being, only the latter is truly a moral agent—a subject of moral responsibility who exercises freedom in his or her decisions and accepts their consequences" (Antiqua et Nova 39).

Ademais, podemos afirmar que a ética precisa ser expandida de forma multiforme na sociedade hodierna, uma vez que este diálogo é crucial para a formulação de uma cultua eticamente postulada. Esta discussão, segundo Sousa et al. (2025, p. 9) possibilitará uma evolução pautada por uma junção de valores das variadas manifestações culturais e expressões da sociedade, além de definir compromissos objetivamente claros, tornando a discussão ética um fator impulsionador na cultura digital do uso da IA. Assim, percebe-se que o uso do próprio entendimento libertando o indivíduo da menoridade digital necessita do reconhecimento, ascensão, e prática dos valores humanos, pautando-se por uma ética livre e não de um sistema moral que apenas imponha uma barreira que molde a maneira de utilizá-la.

Considerações finais

A partir dos resultados das discussões que foram realizadas ao longo deste nosso estudo, podemos concluí-lo afirmando que se atingiu o seu objetivo de analisar a partir da perspectiva kantiana de Esclarecimento *(Aufklärung),* como o uso não ético, acrítico e dependente da IA na contemporaneidade, sobretudo no ambiente acadêmico, compromete ou não a emancipação do indivíduo para fazer o uso do seu próprio entendimento.

Ademais, foi possível perceber nesta discussão o papel e as propostas filosóficas possíveis diante desse cenário tão vasto para nossa reflexão. O pensamento kantiano, quando confrontado com os desafios da era digital, abre possibilidades fecundas de leitura, sobretudo porque seu apelo à coragem de pensar ecoa em um tempo marcado por excesso de informação, *Fake News*, imediatismo, consumo excessivo de conteúdo digital e de novas formas de condicionamento cognitivo.

Para tanto, a busca de responder aos objetivos específicos deste estudo ao longo das seções do artigo nos ajudou a investigar de forma precisa as definições de conceitos centrais como o Esclarecimento e a Inteligência Artificial, e ainda fazer o recorte do seu uso no ambiente acadêmico, que nos ajudou na delimitação do segundo conceito, dado a sua multiplicidade e constantes atualizações por meio de diversas ferramentas além dos chamados *chatbots,* nos quais nosso estudo se concentrou.

Este estudo permitiu-nos verificar nossa hipótese de que o uso não ético, acrítico e irreflexivo de recursos de Inteligência Artificial pode fomentar uma nova forma de dependência digital que tende a se aproximar e atualizar o conceito de menoridade do indivíduo na perspectiva do ideal de Esclarecimento *(Aufklärung)* de Kant. Outrossim, embora não tenha sido refutada ao

longo dele, foi aperfeiçoada, uma vez que os riscos e os impactos do uso da IA, embora sejam evidentes, não podem mais ser ignorados nem resolvidos pela simples recusa do uso, e sim, através do debate ético e filosófico em que se problematiza a questão do uso da ferramenta sem transferir para esta responsabilidades de reflexão racional, logo, humanas.

Podemos afirmar que o nosso estudo respondeu a problemática e atingiu os nossos objetivos, no entanto, reconhecemos que o texto abre outras reflexões, sobretudo no que se refere a atualidade do pensamento kantiano, que na atualidade pode ser aplicado sem quaisquer sentidos anacrônicos ou fora de realidade, além da grande gama de novas problemáticas que constantemente tem surgido acerca da Inteligência Artificial, que por ser vasta, necessitou de muitas delimitações para que nossa pesquisa não sofresse prejuízos ou fugisse da realidade esperada para natureza deste texto.

Ao longo da construção deste texto e do desenvolvimento dos estudos que compõem esta pesquisa, observamos diversas iniciativas de universidades que têm buscado elaborar, não apenas códigos de conduta, mas manuais capazes de orientar o uso adequado da Inteligência Artificial e potencializar o que essa ferramenta pode oferecer de positivo à educação. De modo semelhante, a Igreja Católica estabeleceu uma comissão de estudos dedicada ao tema e o Papa Leão XIV, inclusive, tem defendido certa limitação ao acesso precoce de crianças às tecnologias de IA. Esses exemplos evidenciam que a IA pode tornar-se um instrumento para a superação da menoridade e não apenas um obstáculo a ela, ao mesmo tempo em que revelam que a saída da menoridade, embora dependa de uma decisão individual, permanece uma tarefa de reflexão compartilhada entre diferentes setores e instituições da sociedade.

Portanto, este ser tão singular e múltiplo que é o ser humano, que está em constante transformações poderá aprender a conviver com a novidade da Inteligência Artificial, uma vez que esta, apesar de apresentar-se como uma poderosa ferramenta, ainda depende da interação com o saber humano, sabedoria esta que vai além de *prompts* e dados. A riqueza potencial da IA, podemos afirmar que é justamente o refinamento do conhecimento humano caracterizado por ser racional, fincado na realidade, marcado pelas ideologias e especificidades de cada indivíduo, e que dá sentido as informações que recebemos cotidianamente pela IA e pelas diversas relações de conhecimento, tutela ou orientações que interagem com o indivíduo contemporâneo.

Referências

ARAÚJO, Fernanda Carla Ferreira de; BEZERRA, Emy Pôrto. Inteligência artificial no ensino superior: um estudo de caso do uso do Chat GPT no curso de Ciência da Computação da UFCG. *In:* 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste (Fortaleza/CE, 26-28 jun. 2025). Fortaleza: *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM*, 2025. 8 p. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/19/3638/05052025122910681 8d9467ac3c.pdf. Acesso em:05 out. 2025.

BARBOSA, Lucia Martins; PORTES, Luiza Alves Ferreira. A Inteligência Artificial. *Revista Tecnologia Educacional* [online], Rio de Janeiro, n. 236, p.16 27, 2023. ISSN: 0102-5503. Disponível em: http://abt-br.org.br/wp-content/uploads/2023/03/RTE_236.pdf#page=16. Acesso em: 30 set. 2025.

BARROS, Wagner. Kant e a resposta à pergunta: vivemos agora em uma época esclarecida? UFSCar: *Revista em curso,* 3ªed. 2016. Disponível em: https://www.emcurso.ufscar.br/index.php/emcurso/article/view/70. Acesso em: 28 ago. 2025.

BARROSO, L. R.; MELLO, P. P. C. Inteligência Artificial: promessas, riscos e regulação. Algo de novo debaixo do sol. *Revista Direito e Práxis*, [S. l.], v. 15, n. 4, p. 1–45, 2024. Disponível em: Inteligência artificial: promessas, riscos e regulação. Algo de novo debaixo do sol | Revista Direito e Práxis. Acesso em: 30 set. 2025.

BRESOLIN, Keberson. Kant e a ideia da Aufklärung. *Revista da Sociedade Kant Brasileira*, Campinas, n. 18, p. 18-36, jun. 2015. Quadrimestral. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/studiakantiana/article/download/88941/47871. Acesso em: 14 ago. 2025.

DIAS, Robinson Alves. O DEVIR NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: reflexões filosóficas, éticas e tecnológicas. *Revista Interface Tecnológica,* v. 22, n. 1, p. 79-89, 2025.

DICASTÉRIO PARA A DOUTRINA DA FÉ; DICASTÉRIO PARA A CULTURA E A EDUCAÇÃO. *Antiqua et nova: Nota sobre a relação entre a inteligência artificial e a inteligência humana*. Vaticano: Santa Sé, 28 jan. 2025. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_doc_20250128_antiqua-et-nova_en.html. Acesso em: 25 out. 2025.

EKPERI, Mark D.; ALAWA, P. Z**.** *Martin Heidegger on Technology: Implications for Artificial Intelligence.* Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Mark-Ekperi/publication/384790371_Martin_Heidegger_on_Technology_Implications_for_Artificial_Intelligence_By/links/67079954a121520191631156/Martin-Heidegger-on-Technology-Implications-for-Artificial-Intelligence-By.pdf. Acesso em: 10 out. 2025.

FIGUEIREDO, Leonardo de Oliveira et al. Desafios e impactos do uso da Inteligência Artificial na educação. *Educação Online,* v. 18, n. 44, p. e18234408, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.36556/eol.v18i44.1506. Acesso em: 27 out. 2025.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa.* 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Gonçalves, Bruno Galeano de Oliveira. Os sentidos do anacronismo. História da Historiografia, vol. 15, núm. 38, 2022, Janeiro-Abril, pp. 285-314 *Brazilian Society for History and Theory of Historiography* (SBTHH). Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=597771344010. Acesso em: 9 set. 2025.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"? (Aufklärung). *In. Textos Seletos.* 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 100-117.

MAIA, Paulo Roberto Fontenele; DA SILVA BEZERRA, Stefani Clara; FERREIRA, Helio Rios. Cognição humana versus inteligência artificial: uma abordagem heideggeriana sobre o projeto do primeiro juiz robô na Estônia. *Revista Brasileira de Filosofia do Direito,* v. 7, n. 2, p. 54-73, 2021. Disponível em: https://scholar.archive.org/work/nutnq7x4nbfh3ldni2ac72nsbu/access/wayback/https://indexlaw.org/index.php/filosofiadireito/article/download/8192/pdf. Acesso em: 08 out. 2025.

OSÓRIO, Fernando Santos**.** *Inteligência Artificial: usos, impactos e desafios no ensino superior. In:* PINTO JUNIOR, Arnaldo; CONSONNI, Sílvio Roberto (org.). Inteligência artificial, competências e tecnologias digitais na educação superior [recurso eletrônico]. Campinas, SP: UNICAMP/BCCL, 2025. p. 55-80.

PERES, Frederico**.** A literacia em saúde no ChatGPT: explorando o potencial de uso de inteligência artificial para a elaboração de textos acadêmicos. *Ciência & Saúde Coletiva,* v. 29, p. e02412023, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232024291.02412023. Acesso em: 08 out. 2025.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do Iluminismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUSA, Elineuda do Socorro Santos Picanço et al. A Ética Da Inteligência Artificial: implicações sociais e responsabilidade. *Missioneira,* v. 27, n. 2, p. 3-13, 2025. Disponível em: https://cemipa.com.br/revistas/index.php/missioneira/article/download/23/12. Acesso em: 25 de out. 2025.

SOUZA, CM. Uso da inteligência artificial na elaboração de artigos científicos [editorial]. *Acta Paul Enferm.* 2025. Disponível em: http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2025EDT03 Acesso em: 03 out. 2025.

SOUZA, Paola Nunes de. *O Esclarecimento kantiano.* 2019. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tedeserver/api/core/bitstreams/b565a492-942e-4bfa-ae94-2e8be4aa3641/content. Acesso em: 24 out. 2025.

Recebido: 22-01-2026

Aceito: 27-07-2026